S. PAULO (BRASIL) — Sábado, 15 de fevereiro 1913 — ANO XII — N. 178

Publica-se aos sabados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH

Redação e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegráfico: LANTERNA

Toda correspondência ao director

Cisma ou farça?

Os catolicos paulistas estão bastante sobresaltados com a recente desavença entre o bispo de Campinas e o vigario de Itapira.

Apesar de aparentarem pouco caso ligar ao sucedido entre os dois personagens, entretanto temem que o mau exemplo venha a comunicar-se a uma boa parte ou a toda a corporação.

O bispo, segundo publicou um jornal daqui, diz nada temer a este respeito, não passando o vigario de um simples indisciplinado, que se ha-de arrepender do que fez.

O vigario afirma o contrario, isto é, que ha-de dar que fazer ao bispo, tirando-lhe uma boa parte da freguesia.

Qual a causa da grave desharmonia entre tão respeitaveis e santas pessoas?

Vejamos.

No dizer do bispo, foi precisar ele de uma casa para hospedar os seminaristas de Campinas durante as férias e não querer o vigario ceder a de Itapira, vasta habitação pertencente ao bispado, sendo ele bispo obrigado a remover o vigario para outro lugar. E tambem que o dito sacerdote tirava largos proventos da sua vicararia. E' esta a principal causa da zanga, porque o bispo entendeu que ele devia ficar, para o futuro, dependendo directamente da mitra. Termina afirmando nada temer para a religião, porque Amorim não é pessoa a comparar a fundadores de religiões, tais como Maomé, Calvino ou Lutero, os quais, diz Nery, eram homens de grande inteligencia e preparo filosofico e tiologico.

Bravo, sr. bispo, gostei da franqueza!

Mas, permita que eu tome a defesa de Amorim, embora sejamos, ele crente e eu ateu, inimigos declarados, na parte em que dizeis (lá está escrito no jornal que publicou a entrevista) que ele recebe conselhos de amigos anti-clericais.

Que maldade!

O patriarca da igreja brazileira não precisa dos nossos conselhos.

Quanto tambem a não ter os predicados necessarios para ser chefe de uma nova dissidência no seio do cristianismo, creio ser injustiça da vossa parte, porque é ele um destes sacerdotes de cuja massa se fazem os bispos; para isso é monsenhor Amorim, conego da Igreja, já foi secretario de V. Eminencia, redactor de um jornal nosso adversario que defendia os padres do sinistro Orfanato Cristovam Colombo no ainda não liquidado caso do desaparecimento da infeliz menor Idalina. Logo, é um homem a quem não faltam talentos.

Mas, será mesmo preciso talento e preparo para fundar religiões?

Para mim tenho que estas qualidades não têm pesado, até hoje, muito na balança.

O que sabemos de positivo é que um pouco de cinismo junto a uma forte dóse de esperteza é a receita de que se tem servido, com exito, todos aqueles que acharam a fórmula de explorar a boa-fé e a ingenuidade das multidões ignorantes.

Ameaça o sr. bispo o seu ex-subordinado com a justiça secular, depois de lhe ter descarregado sobre a cabeça toda a sua divina colera.

Que pena vivermos nos tempos que correm!

Que belo espectaculo seria, num dia magnifico de sol tropical, na mais bela praça de Campinas, ver levantada a purificadora fogueira, e lá em cima atado ao poste, vestido de sambenito e mitra de papelão á cabeça, Amorim e mais meia duzia de cismaticos e herejes gemerem devorados pelas chamas, para maior gloria de Deus e da sua igreja cá na terra!

Mas teremos, mesmo cisma de verdade ou não passará isto de uma farça mal representada?

Rio, 9 — 2 — 913

Adrecal.

Os grandes crimes da Igreja



Giordano Bruno ante o tribunal da Inquisição

FARPAS

A APOSTASIA DE D. AMORIM

O rosado e espadaúdo padre Amorim Corrêa, que em tempos idos nos despertou gostosas gargalhadas quando, em arrotos de erudição e agitando valente uma bengala, se vangloriava, pelas esquinas, de ter pulverizado, em escritos extraordinarios, a magna sciencia do eminente mestre dr. Barretto — o padre Amorim, o inefavel "Zebedeu" que quebrou, heroico, lanças com os inesqueciveis "Mosqueteiros" do *Correio Paulistano* e muitas vezes nos *mordeu*... perdão, nos agrediu pela *Palavra*, acaba de levantar grande celeuma em torno do seu já imortal nome, fundando a "Igreja Nacional".

Teem alguns correligionarios afirmado que esse padre merece dos livres-pensadores a maxima simpatia, coadjuvando-o para que prossiga na sua obra e consiga obter exito com a sua nova "igrejola", que tem a qualifical-a um adjectivo reles, com que se pretende, alardeando um pseudo patriotismo, atraír as massas com a isca do jacobinismo. Sinto bastante em dizer publicamente que não me simpatizo com a apostasia do Padre Amorim, nem lhe posso dar o meu testemunho de solidariedade.

Pelas suas declarações, amplamente divulgadas pela imprensa, se depreende que o profundo apologista que, outróra, acudia ao hilariante pseudonimo de Zebedeu, resolveu fundar a sua *quitanda*, mais por motivos de caracter muito intimo do que propriamente tendo em vista a propagação dum ideal superior.

Nas informações que forneceu á imprensa, escritas pelo seu proprio punho e naquele estilo tão tresandante a um misticismo balofo que nos faz lembrar o flebilismo de lacrimejantes sermões de semana santa, nada ha que impressione ou que nos convença que o novo heresiarca descobriu, nas amareladas folhas do enfastiante calhamaço que tem o nome pomposo de Evangelhos, novas razões e fortes motivos para derrocar antigos dogmas e para outros criar, e sobre estes erigir a presumida tapera de sua "taberninha" religiosa, sob o nome irritante de "Igreja Nacional"!...

Já por isto se verifica quão contraditoria é a sua instituição: baseando-se nos dogmas do Cristianismo, quer o Reverendo fundar uma igreja com doutrinas proprias para o Brasil, quando, pelo proprio texto desse velho e corrupto codigo de moral, — O Novo Testamento — se percebe que o messianismo é, antes de tudo, cosmopolita, não admitindo a ideia de patria, visto que todos os cristãos são, pelos proprios textos desse livro mediocre, simples cidadãos do céu. Se o cristianismo visasse apenas a salvação duma nacionalidade, essa seria, sem nenhuma duvida, e pelo proprio texto biblico, á judaica, e não nos consta que os Evangelhos tivessem sido forjados para ser adaptados, em pleno seculo XX, a uma igrejola de Itapira.

Não me detenho, entretanto, a fazer estafantes prelecções aborrecidas sobre exegese. Quero saber se na resolução do padre Amorim ha alguma coisa de novo digna de critica. Não ha: o que o serafico "Zebedeu" quer fazer nada mais é do que um protestantismo muito chulo, porque lhe falta a logica necessaria e a precisa coerencia para poder formar ao lado dos cristãos reformados. Elimina o celibato, a autoridade papal e dos bispos (neo-protestantismo) e "otras cositas mas", mas continúa a admitir como verdadeiros todos os outros incompreensiveis dogmas da igreja romana. De forma que, assim procedendo, o padre Amorim quer grangear as graças dos protestantes e, dando-se ares de combatente, de revolucionario, quer tambem as dos livres-pensadores. Eu não lh'as dou pelos motivos acima, e creio que os meus correligionarios comigo concordarão: o livre-pensamento não é intolerante, não calunia, não difama e, particularmente, como homem, pode, até certo ponto, ter um pouco de benevolencia, de complacencia, e um riso de piedade para com o padre Amorim, esquecendo, nobre e altivamente, a ridicula e torpe campanha que outróra o padre moveu contra a *Lanterna* e o *Livre Pensador* e da qual, ainda hoje, se ufana, impando de vaidadee de tolice!

No terreno das ideias, porêm, o padre merece ser tenazmente combatido: deixando o "rendoso" negocio da igreja romana, instituiu uma reles "quitanda" (as denominações são do bispo de Campinas) para fazer concurrencia ao abastado armazem de mercadorias religiosas, que é a igreja papal, e, para vencer, tem, necessariamente, de usar do baixo expediente seguido pelos outros audazes caixeiros do Vaticano: — iludir os incautos, ás almas simples, acorrentando-as ao nefasto e prejudicial poste das asneiras cristãs, que só servem para deprimir e rebaixar o caracter do homem.

Estamos, pois, em presença dum novo inimigo: a nossa obrigação é procurar destruil-o.

Disse acima que nas razões da apostasia dadas á publicidade pelo padre, nada encontrei que fosse digno de uma analise severa: Enganei-me. Ha uma confissão extraordinaria, em que, publica e descaradamente, se afirma que na diocese de Campinas campeia, infrene, o homo-sexualismo. Dil-o o padre Amorim quando, por outras palavras, assevera que caiu no desagrado de D. João Nery porque não se submetia "aos seus carinhos e meiguices, porque era varão e varão activo"! Que lhe faça muito bom proveito.

Ora isto é grave: se o Reverendo Amorim era o *activo*, quem seria o *passivo*? O bispo? Não o diz claramente o estupendo rival de Lutero, mas isto se depreende das entrelinhas... De forma que podemos concluir que o que motivou o hilariante scisma de Itapira foram apenas lacrimosos arrufos de *namorados*. O caso não tem importancia. Um belo dia, ha uma troca de cartas perfumadas, em que se repetem as mil juras de amor e nas quais os ternos amantes recordam, saudosamente, as noites tépidas suaves, ditosas, em que arrulhavam e doce, babosamente se *beijavam*, sob um céu estrelado ou mesmo sob os niveos clarões da lua alcoviteira. Ha um estremecimento reciproco, pulsam, fortemente, os corações, antevêem se novas doçuras e os dois amantes se reconciliam... E o scisma barulhento de Itapira termina em meio de ofegantes gosos inexprimiveis!

Ficará, depois, com cara de asno, quem quiz vêr, num simples e delicioso despeito amoroso, uma tremenda questão religiosa. A pretensa heresia do padre Amorim não passa de um aberrativo e execrando caso de patologia sexual. Não lhe dou o meu apoio: aconselho-o que se case com um individuo de sexo diverso.. O livre-pensamento não intervém numa picaresca questão de gostos invertidos, porque é austero e segue, rigidamente, as leis da natureza!

Doge da Maia

Biblia vermelha

... A doutrina de Tolstoi está condenada á impotencia. O metodo que ele preconiza, a resistencia passiva, não poderá triunfar senão com uma condição, que jamais se verificara: generalizar-se.

O cristianismo que ensinou a mesma doutrina tornou-se inimigo da classe operaria e aliado dos poderosos da terra. Em vão o opõem ao socialismo, esperando que ele possa tomar o lugar deste.

A sua moral, cheia de complacencias para com os «superiores», de tergiversações, de hipocrisias e de contradições, repugna-nos mais do que a crença num Homem-Deus, na Virgem-Mãe, na fabricação da primeira mulher com uma costela tirada ao Adão adormecido. O cristianismo morre ás mãos do socialismo e morre pela sciencia. Contra esta ainda poderia defender-se; mas não pode defender-se contra a consciencia moral aperfeiçoada do homem moderno.

Xavier Merlino.

PELA DOURADENSE E JAHU

O nosso companheiro João Penteado encontra-se na linha Douradense, devendo percorrer todas as localidades da zona, inclusivé Jahú, trabalhando pela divulgação da Lanterna e em cobrança das assinaturas.

HOSTIAS AMARGAS

As quaresmais de D. S. Leme

Boa Paschoa, d. Sebastião Leme!

O teu Deus carrancudo e rebarbativo permitiu que, á semelhança do que se deu o ano passado, possamos ainda este ano acompanhar-te nas tuas conferencias quaresmais da catedral do Rio de Janeiro.

E com a disposição de ânimo de quem se acha no goso da mais invejavel saúde e pronto a despender todas as suas energias em pró da causa sagrada do livre pensamento, vamos glosar, um por um, os temas que organizaste para as tais conferencias, com as quais, na estultice do teu fanatismo, sonhas galvanizar um organismo em putrefacção, que é a Igreja Catolica.

Seguir-te-emos pari-passu na refutação dos absurdos, dos dislates que vais impingir ao teu auditorio de ultramontanos e beatas.

E fal-o-emos compelido pelo ardor nobre de quem cumpre dever de ordem elevada, qual o de reduzir ás suas justas proporções um representante da seita que mais nociva tem sido á humanidade e cujo objectivo é entravar a liberdade do espirito humano, algemando-o com os grilhões de dogmas ridiculos, infantis, que só podem ser tomados a serio por espiritos tacanhos e obcecados.

Por isso, com ou sem a tua permissão, d. **Sebastião Leme**, vamos, sem mais preambulos, meter mãos á tarefa.

1ª. conferencia — A religião não consiste exclusivamente no sentimento religioso — Desvio do filosofismo relativamente á concepção da religião — Religião conforme com a natureza humana, com a razão e o bom senso — Incoerências do nosso seculo.

Mas se a religião não consiste exclusivamente no sentimento religioso, si ela não independe do concurso da inteligencia, então tu e os teus colegas de profissão estais completamente perdidos, venerabundo Bispo de Ortosia.

Porque a religião, são unanimes em reconhecel-o todos os espiritos filosoficos, vive ainda tão sómente pelo sentimento que, na regra, diz Gustavo Le Bon, jamais executa a voz da razão.

E é por isso que a religião encontra o seu mais poderoso sustentáculo no coração da mulher — que é toda ela sentimento, que é toda ela afectividade.

E é porisso que os doutores da Igreja não admitem que se esmerilhem os dogmas, que se submetam os seus principios fundamentais ao cadinho do raciocinio, no qual infalivelmente lhes está reservada a sorte de fundirem-se e volatilizarem-se.

«Razão humana, cala-te» dizia Bossuet, quando o seu intelecto se revoltava ante a imposição, que lhe era feita, de se curvar ás estultices, prègadas pela Igreja, de que era ele ministro.

Se não queres, d. Sebastião, que a religião repouse tão sómente sobre uma certa *lógica do sentimento* admitida por alguns psicologistas, se achas que ela pode tambem ter por si a logica da inteligencia, então procuras emaranhar-te em um cipoal, de que jámais conseguirás escapar-te — de maneira digna e honrosa, mas tão sómente a favor de sofismas e improbidades.

O sentimento religioso pode levar um individuo a admitir que uma trindade formada de tres deuses não constitua senão um Deus, que uma virgem pode ter dado a luz a um filho, conservando-se sempre virgem, que um fragmento de pão e um martelo de vinho se convertam no corpo e no sangue de um Deus.

Achas pouco que seja possivel que tais balelas possam penetrar o espirito de quem quer que seja, ainda com o grau dessa tal certeza moral de que falam os teus antigos tratados da filosofia espiritualista?

Por le cour, je suis profundement chrètien et même cathotique disse celebre escritor religioso — revelando assim que era o sentimento que o compelia a abraçar a religião na qual nascera e se lhe formára o espirito.

E esse mesmo escritor afirmava que existiam nele duas entidades *inconciliaveis* e *indestructiveis*, sendo uma constituida pelo homem crente e outra pelo homem intelectual.

E, se por acaso em tais crentes a razão leva de vencida a fé, o que atesta uma superio-

CAUTÉRIOS

LXXXVIII

Caro leitor, quem vive na peleja,
Para ganhar o pão para a existência,
Nem sempre pode assim como deseja
Satisfazer à ideia e à consciência.

Assim foi que eu, na vida atarefado,
O ferro do cautério abandonei.
Deixei em paz o clero deboxado,
E o Sansoni dr. em paz deixei.

«Bem feito!», ha-de dizer algum carola
«E' o poderoso céu quem te castiga,
Quem num trabalho infindo te engaiola,
Quem te não dá descanso a esta fadiga!»

E eu estou quási a crer neste argumento!
Quem mais trabalha, sem tomar alento,
E' quem do céu é mais desprotegido...

Quem mais trabalha afoito, receando
Os fantasmas da fome e do dever,
E' quem mais sente o açoite miserando
Suas carnes cansadas corroer.

Quem no trabalho insano desperdiça
A energia, a saúde, a paz, o amor,
E' quem mais sente as garras da injustiça
E morre a um canto como um malfeitor!

Depois que fica enfim livre do mundo,
¿Que lhe reserva a Igreja perspicaz?
Envia-o para o inferno, o orco profundo,
Para servir de pasto a Satanaz!

¿Porque? — Porque na terra bemfazeja,
Sem um vintem, vivendo a trabalhar,
Não tinha libras para dar à Igreja,
Nem para à igreja ir tinha vagar!

No entanto, o que possue a alma corrupta,
O que vive da fraude e da extorsão,
Da vida os gosos bem feliz desfruta,
Vive na paz do céu como um sultão.

Para êle o trabalho é desprezível,
Desprezível também o que trabalha,
E a honra maior, a honra indefinível
E' do pobre extorquir uma migalha!

Tem homenagens, pompas e grandezas,
Lambe a Igreja e a Política os seus pés;
Sustenta-se de sangue e de torpezas
E é idolatrado como um Moisés!

E quando estoira enfim, nédio e enfartado,
Que só na morte é o rico ao pobre igual,
Vai direitinho ao céu, encomendado
Pelos latins do antigo ritual.

Vai para o céu direito, num momento,
Porque, vivendo àtôa e farto de oiro,
Ouvia missas por divertimento,
Tendo a Igreja de guarda ao seu tesoiro.

A's vezes pois, quando scismando fico,
Nesta desproporção de condições,
O pensamento embalde mortifico,
'A procura de causas e razões.

¿Mas porque? - Porque o velho padre Eterno,
O preguiçoso-mór lá do Infinito,
Que, depois de fazer a terra e o inferno,
Nada mais fez de útil e bonito,

Lá do alto zela, mui fraternalmente,
Pelos colegas que no mundo lança,
— O parasita, o bonzo repelente,
Os tubarões da indústria e da finança!

Outra não pode ser, eu firme creio,
A causa principal do que me agita.
E Deus portanto não é mau e feio:
O bem-estar dos seus, justo, suscita!

¿Quem manda os vis, os maus trabalhadores
Não terem tempo para a devoção?
¿Porque roubados são pelos senhores,
Do oiro com que se compra a salvação?!

Ora afinal, eu que hoje, decidido,
Do Sansoni dr. vinha falar,
Lá em cima o abandonei, só e esquecido,
Por outro lado puz-me a divagar!

Mas, sossegue. Depois de um dia, é sério,
Outro dia vem logo suceder.
Assim também, depois dêste cautério,
Ha-de um outro cautério aparecer!

Beato da Silva.

ridade de caracter que, infelizmente, em raros homens se encontra, temos ahi o *desvio do filosofismo*, de que fala d. Sebastião Leme.

Rectidão filosofica, para o conferencista anacronico da catedral carioca consiste em não raciocinar, em abnegar do direito de pensar em beneficio dos ensinamentos estapafurdios, das doutrinas impagaveis que compõem o impagavel patrimonio *soi-disant* filosofico da muito divina Igreja Catolica.

Imagine-se só! D. Sebastião Leme quer *uma religião conforme com a natureza humana, com a razão e com o bom senso.*

E d. Sebastião acha que essa religião, conforme com *a natureza humana, com a razão e com o bom senso* só pode ser a *Religião Catolica.*

Conforme com a natureza humana uma religião que préga as dores, os sofrimentos, as mortificações, prometendo aos seus adeptos uma eternidade de gosos que o bom senso, por ela invocado, é o primeiro a repelir!

Conforme com a natureza humana uma religião que procura despertar no homem aversão absoluta para com a mulher, na qual ele, pela lei natural, deve encontrar a mais doce, a mais terna, a mais dedicada companheira da sua existencia!

Conforme com a natureza humana uma religião para a qual a mais bela das virtudes é representada pela continencia absoluta, e que deixa assim entrever claramente o seu desejo de propugnar o exterminio completo da especie humana!

Conforme com a natureza humana uma religião que nos seus fins ensina que devem encarar como inimigos da peor especie aqueles que não a aceitarem, os adeptos de outros credos, os proselitos de outras escolas filosoficas!

Sempre queremos ver a ginastica de palavras, que ha de empregar o bispo auxiliar do Rio de Janeiro, para aos seus ouvintes inculcar que existe conformidade entre a razão e o catolicismo.

Para que a religião fosse conforme com a razão, era preciso que nem um só dos seus principios entrasse em conflito com as noções gerais, indutivas e dedutivas, existentes no espirito humano.

Ora, se existisse perfeito acordo entre a razão e a Religião, era perfeitamente escusado que o papa Pio IX em a sua enciclica — «Quanta curâ», de 8 de dezembro de 1864, publicasse esse monumento gotico de insensatez e audacia, constituido por dez capitulos formados, ao todo, por oitenta proposições condenadas, monumento que ninguem jamais tomou a sério e ao qual foi dado a denominoção de *Syllabus*. As proposições condenadas teem todas, por principio, a independencia da tazão e por objecto, na fraze do papa de então, a *negação dessa força salutar de que a Igreja catolica é investida em relação a povos e soberanos.*

Se o catolicismo é tão conforme com a razão, qual o pretende d. Sebastião Leme, porque motivo a Igreja considera o racionalismo o seu mais terrivel, o seu mais implacavel inimigo?

Porque traça ela á inteligencia os limites além dos quais não consente que esta passe, e elimina da sua grei aqueles que não lhe obedecem nesse particular?

Como se explica, se é tão conforme o catolicismo com a razão, o facto de haver o Concilio do Vaticano declarado «que deve ser conservado intacto o sentido dos dogmas sagrados que a Igreja uma vez definiu e que ninguem deles deve se apartar sob pretexto de uma inteligencia mais aprofundada?»

Ainda mais:

O espirito humano está sempre disposto a abraçar a verdade, qualquer que seja o campo em que ela se manifeste.

Debalde a Igreja quiz evitar a derrocada do sistema astronomico de Ptolomeu, unico compativel com as lendas de que consta a Biblia.

A despeito das perseguições por ela movidas contra Galileu, o geocentrismo biblico caiu por terra e com ele o antropocentrismo que é o caracteristico das religiões espiritualistas, entre as quais o cristianismo.

Entretanto, o sistema de Copernico, é hoje universalmente aceito e nem mesmo as mais ignorantes massas populares acreditam hoje em dia que o sol, a lua e as estrelas tenham sido por Deus fabricados tão sómente para uso e regalo dos homens.

Mas a Igreja, apesar de se dizer tão de acordo com a razão, não conta absolutamente com esta ultima para conquistar o espirito dos homens e tem para si que deve usar de todos os processos, mesmo os mais violentos, para obriga-los a lhe serem sujeitos e a lhe seguirem os dictames.

Quererá a Igreja nega-lo?

Aparecerá por aí algum canalha clerical que desminta a asseveração, que aqui fazemos, de que o *Syllabus*, acima mencionado, *condena a proposição, segundo a qual, a Igreja não tem o direito de empregar a força material para coagir os homens a lhe obedecerem*?

Oh! Como é a religião *consentanea* com a razão e com o bom senso!

E como o seculo se mostra *incoerente* não querendo se dobrar ás verdades, pelas quais d. Sebastião Leme está se esbofando na catedral do Rio!

Incoerencia!... Palavra que jamais deveria ter saído dos labios sacrosantos do quasi divino bispo de Ortosia, pela mesma razão porque em casa de enforcado não se deve falar em baraço.

Mas, desfrutavel prelado, incoerentes sois tú e os teus colegas cujo *modus vivendi* é exactamente o inverso do que andais a pregar aos pobres de espirito, que vos prestam atenção.

Incoerencia é enaltecer a abnegação das coisas mundanas e revelar a mais desmarcada ambição, a mais desempanada cupidez.

Incoerencia é exaltar a castidade e actuar na sociedade como elemento de dissolução dos costumes, como pessimo levedo que faz germinar nos lares mais honrados a imoralidade nas suas formas mais abjectas.

Incoerencia é ensinar que todos os homens são irmãos e viver de rojo aos pés dos potentados, daqueles que estão no caso de dispor da cornucopia das graças e dos beneficios materiais.

Incoerencia é mercadejar sacramentos que diz-se terem sido instituidos para a salvação de todos os crentes, mas de que só participam aqueles que dispõem das quantias fixadas nas tabelas diocesanas.

Incoerencia é aconselhar a humildade e ser a incarnação do mais estupido, do mais ridiculo e do mais feroz orgulho, que imaginar-se possa.

Incoerencia é fazer a apologia dos sofrimentos, das amarguras na vida terrena e levar uma existencia principesca, do mundo colhendo a maior soma de gosos e delicias, que o mundo oferecer possa.

Essas, as mais palpaveis, as mais flagrantes incoerencias que verificamos na sociedade moderna.

Para o numero proximo, d. Sebastião Leme, os comentarios sobre o tema da tua segunda conferencia.

Ignoto.

Seção amena

Um trabalhador paga ao vigario o preço duma missa por alma de sua falecida sogra. O pagamento é feito de má vontade e em niqueis.

— Você deu-me um tostão a mais, diz o vigario, depois de contar.

— Não faz mal: fique com ele e, na missa, diga algumas asneiras mais.

Luisinha faz constantes travessuras. Uma vez, diz-lhe a mãe, que é muito beata:

— Para ir para o céu, é preciso ter muito juizo.

— Ora! para ir para o céu, é preciso morrer, e eu não quero morrer. E' a opinião de todos os fieis...

Um padre ouvia comovido uma historia tragica.

— Como é isso, reverendo? Outro dia, V. Rev. não se enternecia tanto com a narração dos martirios dos santos...

— E' que isto é uma historia, e outro dia eram... historias...



17 DE FEVEREIRO

A IGREJA ASSASSINA GIORDANO BRUNO

Não vimos repetir aos nossos leitores a historia dêsse mártir do catolicismo, que há 312 anos expiou na fogueira o *crime* de se revoltar contra a vil casa de negocios escusos em que o clericalismo romano transformára a residencia do *vigario de Cristo*, porque essa historia, a que ano a ano vimos fazendo referência, deve já ser de todos conhecida. Apenas queremos, ao recordar esta data, avivar novamente no espirito de quem nos lê o sentimento de repulsão que a todas as intelectualidades bem constituidas deve inspirar uma religião que de tais monstruosidades é autora e instigadora.

A inquisição perseguiu o frade Giordano Bruno por ele ter, em consequencia do nojo que lhe causava o ignominioso tráfico de indulgencias, remissões de pecados, etc., que no Vaticano se fazia mediante esportula monetária, abandonado a vida conventual para vir, cá fora, livre das algemas morais e intelectuais que lhe impunha o monastismo, lavrar bem alto o seu protesto contra semelhante deturpação das doutrinas pela propria Igreja atribuidas ao que ela diz ter sido o seu fundador. A sua terra natal, Nola, não era abrigo seguro, e por isso Giordano Bruno se expatriou, indo para a Suissa, para a Alemanha, para a Inglaterra, para a França, prégar o seu protesto, e ganhar a sua vida ensinando filosofia, historia, humanidades e letras.

Nas universidades como nos paços de reis, principes e imperadores pôde o ex-monge dar exuberantes provas do seu vasto saber e da sua poderosa intelectualidade. Nesta vida laboriosa e acidentada passou largos anos da sua existencia, até que, um dia, a nostalgia dos ares patrios começou a lembrar-lhe, a impôr-lhe o regresso á terra natal.

Voltou. O céu formoso e as verdejantes campinas da bela Italia fizeram transbordar de alegria aquele coração durante tantos anos alanceado pelas saudades da Patria tão querida. Foi para Veneza, esperando que a bandeira da terra dos doges, fóra dos territorios onde dominavam o papa e a sua inquisição, lhe servisse de abrigo. Não se lembrava, ou não sabia, porém, o desgraçado filósofo, que a Republica de Veneza de republica só tinha o nome, pois não merece o nome de Republica o Estado que não é, acima de tudo, contrario, diametralmente oposto a tudo quanto, directa ou indirectamente, represente privilegios, desigualdades ou superstições. Veneza não era uma Republica digna dêsse nome, porque não era anti-clerical.

Giordano Bruno supôs ainda, talvez, que, passados trinta anos, os inquisidores, seus crueis inimigos, o houvessem já esquecido, o não odiassem já tanto como a quando da sua saída do convento. Tambem nisso grande era a sua ilusão. O peor, o mais tenaz e encarniçado de todos os odios é o que se exerce em nome de uma religião revelada e de um Deus vingador, cheio de cólera implacavel e despedindo raios a proposito e a desproposito de tudo e de todos. Este odio nem com a morte acaba. Transmite-se de uns a outros, como se fosse uma herança. Morto um inquisidor, aquele que o ia substituir herdava-lhe, com as funções, os odios e a sêde de vingança. E' assim a maldita *religião da morte*.

Ao conhecimento dos inquisidores romanos chegou a noticia da estada em Veneza da *ovelha* que fugira ao curral. Não descansaram enquanto não conseguiram do govêrno veneziano a entrega da vitima, com o suplicio da qual antecipadamente se regozijavam. Negociaram com Veneza a entrega do fugitivo, em troca de quaisquer compensações. E Veneza praticou a vilania de lhes satisfazer a perversa vontade!

O processo foi rápido, sumario, inquisitorial. Ao acusado não foi permitido o direito de defesa. A fogueira esperava-o, e a religião não queria fazê-la passar pelo desgosto de lhe ser roubada a presa com que contava, para aplacar as iras divinas... Ao ser-lhe lida a sentença, Giordano Bruno atirou desdenhosamente á cara dos juizes o seu desprezo. Pouco depois morria no tremendo suplicio a que o condenaram em nome de um suposto Deus que dizem de bondade! Passou-se isto na Roma dos papas, a 17 de fevereiro de 1600, no Campo das Flôres.

Hoje, na grande praça que conserva o mesmo nome, ergue-se, no mesmo lugar onde há 312 anos foi supliciado o grande filosofo, a estatua altaneira de Giordano Bruno, como que bradando ás gerações vindouras o seu protesto contra aquele crime sacerdotal, apontando á humanidade o Vaticano como sendo um covil do mal, que é preciso ser expropriado por utilidade publica e higiene social...

Augusto José Vieira.

EM GUAXUPÉ

Suicidio provocado por um padre

Indignação do povo, que enxota o causador da desgraça

De Guaxupé, no Estado de Minas, recebemos á ultima hora uma carta relatando uma grave ocurrencia que ali se deu e que foi provocada pelo vigario Pinto Fraissat, tipo já bastante conhecido de nossos leitores, visto que por diversas vezes já nos temos ocupado de suas repelentes proezas. E' o tragico fim de um pobre moço, de conhecida familia do lugar e que, agredido vilmente pelo sotaina, privado de desafronta, procurou ocultar na morte a sua vergonha.

Só depois do desfecho de seu triste designio é que a população de Guaxupé, revoltando-se justamente, expulsou do seu seio o nojento padre Fraissat, que está refugiado nesta capital.

Por hoje, devido ao adeantado da hora, só podemos publicar a carta que ligeiramente nos informa do sucedido, deixando para outro numero outros pormenores e oútros comentarios.

Eis a carta:

"Acha-se nessa capital o já celebre reverendo padre Pinto Fraissat, vigario desta localidade. Vejamos o que levou sua reverendissima até S. Paulo:

Na quinta feira da semana passada, 7 do corrente, tendo ele encontrado o seu sacristão a jogar com um mocinho de nome Zezé, filho do capitão Erasmo Soares de Barros, agente do correio desta Vila e chefe de uma das mais consideradas familias aqui residentes, enfureceu-se e, depois de muito esbofetear e esbordoar o brioso rapaz, levou-o ainda á presença do capitão Erasmo exigindo que este, por sua vez, castigasse o filho. O capitão Erasmo é cavalheiro de educação esmerada e religioso e talvez só por isso repreendeu em termos ásperos o seu querido filho, que era tambem querido de toda a população de Guaxupé. O moço, ainda com a cabeça a jorrar sangue das pauladas que lhe dera o reverendo padre Pinto, num assomo do seu brio ofendido, suicidou se, atirando-se dentro de uma cisterna. O povo, reunido de momento, tentou linchar o causador de tão triste calamidade, que, perseguido aos gritos de mata! mata! poude evadir-se, alcançando casualmente na Estação um trem de cargas que estava a sair, sendo ali, durante a demora da partida do trem, guardado pela força publica de armas embaladas.

Eis porque está sua reverendissima nessa capital, por essas ruas distribuindo risotos a seus admiradores. Do presente e lastimoso acontecimento mandaremos outros pormenores oportunamente. Do vosso, etc."



Vários pratos políticos do dia — Em Portugal: a apresentação do orçamento — Milagre para uns, prestidigitação para outros — O interesse do povo fora do debate — Uma grande tragédia marítima a dois passos de terra — Em Espanha: os republicanos no paço — Ultima cartada on manobra salvadora? — Em França: a reintegração do inquisidor de Dreyfus — Tardia indignação dos radicais — A eleição presidencial e a vontade popular.

LISBOA, 19 DE JANEIRO

A Europa tem estado toda atenta ao desenrolar das várias scenas e intrigas políticas — manobras de defesa, mudança de governantes, etc. — todas de apaixonar o mundo especial dos politicantes profissionais e até o grande público ledor de gazetas, o mesmo que se interessa pelas corridas e pelas apostas.

Em Portugal, a corrida continua a ser a subida de Afonso Costa, que se incumbiu das pobres finanças dêste país; e foi mais particularmente a apresentação do orçamento à Câmara.

Segundo parece, o dr. Afonso Costa vai com efeito dar cabo do *déficit*, cuja morte êle jurára. Em quatro dias apenas de govêrno, cortando despesas inúteis e engrossando receitas, fez, isto é, previu uma redução de cinco mil contos. Chegou, viu, venceu.

Milagre! (a palavra foi escrita) milagre! clama entusiasmada a gente do partido. Aquilo é que é talento! aquilo é que é saber! Está ali o salvador da pátria, que «afirmou possuir a necessária envergadura para resolver o nosso problema financeiro.» Está liquidado, morto, espatifado o partido evolucionista. E' a nova e definitiva consolidação da República! A obra do 5 de Outubro é enfim continuada: estão no poder os «heróis do 6 de Outubro!» (Não tomem os milaneses esta frase no mau sentido...)

Charlatanismo! clama a oposição. Simples cálculos hipotéticos de gabinete! Veremos depois a realidade! O que há desde já são artificios aritméticos e inconveniências de linguagem...

Interessa-se realmente o povo pelo debate? Se o povo trabalhador, o que produz utilidades, o que sustenta os ricos e paga todos os impostos — mesmo os que o rico finge pagar, recuperando-os nos salários reduzidos ou nas rendas e preços aumentados — julga depender do debate a sua salvação, está um pocadinho iludido. Aquilo é lá entre os partidos, todos de acôrdo quanto ao aumento de receitas... para o Estado; e com ou sem *déficit*, é muito provável que os impostos continuem a subir e a vida encarecer, sem que correlativamente aumentem as possibilidades (poderia dizer: as *liberdades* positivas) para os proletários, a não ser pelo próprio esfôrço do seu braço e da sua união.

No fim de contas, há públicos para tudo. Cada partido tem o seu. Assim há um que exalça as virtudes do Messias triunfante e há outro que exagera os despeitos desorientados da oposição. De finanças, ninguem percebe, nem é preciso. Basta ler cada um, ao levantar da cama, o que diz o seu jornal: à mesma hora que o padeiro, traz o padeiro espiritual, vulgo «rapaz do jornal», a refeição diária de ideias feitas por um centavo. A distribuição de ideias baratas a domicílio. E' cómodo.

Entrementes, a atenção pública volveu-se para uma dolorosa tragédia: o naufrágio do *Veronese* perto de Leixões, a duzentos metros da costa. Foram dias e noites horríveis — de pavor para os náufragos, encerrados no vapor encalhado, açoitado pelo temporal, varrido pelos vagalhões; de desespêro e de luta para os que, quasi impotentes, assistiam de terra á imane catástrofe. Foi mais um ensejo para evidenciar a pobreza lusitana de meios de prevenção e de salvamento, e a riqueza humana de sentimentos de solidariedade e de heroismo. Ontem á tarde terminou enfim o horroroso pesadêlo para os náufragos, quasi todos salvos, e para a multidão que prestou socorros, toda alegre pela vitória alcançada.

Mas voltemos á política, saindo de Portugal. Em Espanha, a situação é curiosa. A chamada dos republicanos a palácio levanta a mais desencontrada e graciosa colecção de comentários e hipóteses. Qual será o resultado do espectaculoso «belo gesto» «liberal» do rei? Será tomado como indício de fraqueza? Será já a última cartada de desespêro da monarquia? Estará a Espanha num período semelhante ao que, em Portugal, foi desde o regicídio e queda de João Franco á deposição de D. Manuel? Ou aquilo é uma hábil e enredadora manobra da rialeza, sendo os republicanos os logrados? O caso é que o rei Afonso, que deixou assassinar Ferrer, não se sente lá muito seguro no seu trono... Se êle conseguir firmar-se... tanto peor para os políticos republicanos, que parecem recear tanto a revolução como os manarquistas e os frades.

Em França, tivemos como primeiro prato político do dia a reintegração do tenente-coronel du Paty de Clam, uma das mais odiosas figuras da questão Dreyfus, o inquisidor do preso judeu, o homem da «dama velada», pelo renegado Millerand. E daí grande indignação entre os radicais, que tantas coisas tinham deixado passar ao ambicioso e furador ex-socialista, desta vez forçado a largar a pasta de ministro, porque Poincaré viu na reintegração e no furor causado um golpe na sua candidatura á presidencia da República...

Raimundo Poincaré, apesar de tudo, foi eleito — e eis aqui o segundo grande prato do dia de França, e mesmo de fora. Houve referendos, concursos, apostas, o diabo, Poincaré (Raimundo) é o advogado caro das grandes companhias, ganhando por ano a bagatela de 300 mil francos. Entre essas companhias conta-se a de «Saint-Gobain» (*trust* do vidro, do ácido sulfúrico e dos adubos químicos), administrada pelos chefes de velhas famílias rialistas — duques, marqueses, condes: foi êle quem, há cinco anos, a livrou de um processo por assambarcamento. Em troca, as sociedades industriais e financeiras amparam-no e promovem a sua ascenção no poder.

E aí está como, em democracia, o govêrno é a expressão da vontade do «povo soberano», isto é, da oligarquia financeira, industrial e comercial que manobra os *comités* eleitorais, os grandes «órgãos da opinião», os influentes locais e... os dignos representantes da nação. Porque o Povo, meus senhores...

Neno Vasco

ADOLFO VASQUES GOMES

Deve visitar-nos brevemente o grande orador e livre pensador espanhol, que se acha em excursão de propaganda das nossas idéias no Rio Grande do Sul.

De S. Paulo irá ao Rio de Janeiro, onde a Liga Anticlerical já está se ocupando da organização das conferencias que ali deverão realizar-se.

Encontramos em um jornal de Santana do Livramento os traços biograficos de Vásques Gomes, que serão aqui reproduzidos no nosso proximo numero.

A "Lanterna" em Portugal

E' nosso representante em Lisboa, autorizado a tratar de tudo que se refira a esta folha, o cidadão Neno Vasco, residente á rua da Barroca, 94, 2.º

A "Lanterna" transformada em diario

A nossa iniciativa muito favorecerá a propaganda — As adesões continuam a chegar — Apressemo-nos, amigos!

Em uma das muitas cartas de adesão ao projecto de transformar a *Lanterna* em diario aqui já publicadas, o amigo que a assina mostrando-se entusiasmado com a nossa iniciativa, lamenta, entretanto, que, com a indispensavel elevação do preço da assinatura, o jornal fique fóra do alcance dos trabalhadores, os mais interessados na sua propaganda.

Felizmente, engana-se o bom amigo. Se soubemos que com a publicação diaria da *Lanterna* a nossa obra ficaria de qualquer forma prejudicada, seriamos nós os primeiros a desistir desse intento.

Porêm, muito ao contrario do que pensa o nosso companheiro, a propaganda só terá a ganhar em todos os sentidos, e muito, com a publicação cotidiana deste jornal de lutas.

Para que a propaganda a que estamos dedicados só possa tirar proveito desta projectada transformação, organizamos com muita ponderação o nosso projecto, em grande parte já conhecido dos companheiros e que aqui vamos completar com alguns detalhes sobre o ponto em questão.

A actual edição semanal será mantida, e bastante melhorada, para aqueles que não possam ou não queiram receber a diaria. Aliviada de muitas despesas que agora a sobrecarregam, poderá a sua assinatura custar quando muito 8$000. Os assinantes do diario receberão tambem o semanario por 18$000 por ano no maximo.

Como se vê, muito, mas muito benefeciada virá a ser a nossa propaganda se os amigos se dispuzerem a nos ajudar com o fim de levarmos de vencida os trabalhos para a transformação da *Lanterna* em cotidiano.

Activemo-nos, pois, para que no mais breve possivel possamos ver tornada realidade a nossa grande aspiração.

Sr. Edgard Leuenroth:

Prezado amigo.

Junte a esta o meu «Coupon» tomando tres acções para que possamos ver em pouco tempo a *Lanterna* diaria.

Se mais não faço é devido ás finanças não andarem lá das muito boas; mas, a boa vontade tambem é um conforto, para que nós os livres-pensadores possamos um dia dar cabo aos canalhas de roupeta, que tanto infectam o nosso Brasil.

Sorocaba, 9 de fevereiro de 1913.

José de Castro Lima.

⁂

Correligionario Edgard:

Temos o prazer de levar a esta redacção mais uma vez os nossos protestos de solidariedade e outrossim, confessamo-nos inteiramente satisfeitos com a noticia de se tornar diario o nosso farol *A Lanterna*.

Para o que tocar ás nossas forças, sempre á disposição.

Cidade do Prata, 30 — 1 — 913.

Liga Anticlerical.

⁂

Companheiro Edgard Leuenroth:

Recebi hoje o coupon e devolvo-o, subscrevendo uma acção, porque o meu ordenado é pequeno. Não me cansarei de fazer propaganda da *Lanterna* que, devido a esses esforços, já é muito divulgada e apreciada neste recanto do Estado.

Itapolis, 2 — 1 — 913.

Alexandre Marra.

⁂

Prezadissimo amigo Edgard:

Apoio muito a publicação diaria da *Lanterna*.

Barretos, 17 — 1 — 913.

Osorio Barros.

⁂

Estimado companheiro Edgard:

Saude!

No intuito de ver realizada a importante iniciativa de publicar diariamente o jornal *A Lanterna*, baluarte do livre-pensamento, elemento poderoso de batalha contra o obscurantismo e a reacção jesuitica, que contribue poderosamente para libertar a consciencia humana da escravidão intellectual e moral em que se acha, dedico tambem o meu quinhão a esta obra de regeneração, subscrevendo-me com cinco acções.

Confiante em que a dignidade e a força propulsora dos livres-pensadores levem a efeito esta nobre e elevada iniciativa, envio um fraternal abraço a todos, no qual se manifestam os meus ardentes entusiasmos pela grande causa que defendemos.

Rio, fevereiro de 1913.

Rafael Serrato Munhoz.

⁂

Aos intemeratos companheiros da *Lanterna*:

Saudações.

Aplaudindo a vossa iniciativa de tornar diaria a publicação da *Lanterna*, congratulo-me por tão brilhante tarefa, empreendida por aqueles que não poupam esforços na defesa dos oprimidos.

A *Lanterna* diaria vem preencher uma vaga nas nossas aspirações altruistas de homens livres.

A sua missão corresponde á espectativa de todos os que vemos nesse orgam uma barricada levantada contra as iniquidades sociais baseadas principalmente na ignorancia, que tem por precursor o clero corrupto.

Mais uma vez afirmo a minha franca solidariedade, e comprometo-me a tomar duas acções, de acôrdo com o meu diminuto salario.

Rio, 6 — 2 — 913.

Manuel Esteves.

⁂

Sr. Edgard Leuenroth:

Venho por meio desta participar-lhe que assino uma acção em favor da *Lanterna*. Quando receber o aviso mandarei junto a importancia da minha assinatura.

Faço votos para que o vosso projecto vá avante com o concurso dos livres-pensadores.

Ribeirão Vermelho, 5 — 2 — 913.

Francisco Cordi.

⁂

A' redacção da *Lanterna*:

Saudações.

Devolvendo o coupon de acções para a publicação diaria da *Lanterna*, faço votos pelo triunfo da ideia que deve levar de vencida os abutres que exploram a humanidade e ignorancia.

Rio, 9 — 2 — 913.

Fonseca Moreira.

⁂

Amigo Edgard Leuenroth:

Acho muito boa a ideia de fazer da *Lanterna* um diario, podendo o amigo contar com uma acção minha, sendo provavel que consiga arranjar outras.

Riacho dos Machados, 21—1—913.

Ezequiel J. S. Pereira.

O conto da semana

A confissão de Malochet

Malochet, certamente, não era fiel praticante, e o céu e o inferno bem insignificante espaço lhe haviam ocupado no espirito. Por isso, grande foi o espanto ao verem-no assistir ás prèdicas dos missionarios, na quaresma do ano passado, e ir confessar-se na Pascoa.

Ah! aqueles missionarios! Com a sua eloquencia persuasiva e inflamada, como eles sabiam reconduzir a Deus as almas transviadas! Era quasi um milagre ter sido tocado pela graça o proprio Malochet, esse libertino! Alguns, é certo, afirmaram que aquilo era para ganhar as boas graças da baronesa de Saint-Irémond, a corpulenta castelã da Ourandière, de quem esperava trabalho. Mas vão lá perscutar os corações e sondar as almas! Talvez ele tivesse querido apenas levar a cabo alguma extravagancia imprevista, bizarra, desconcertante, que fizesse falar dele... De Malochet tudo é de esperar, e esta hipotese quadra bem com o seu genio caprichoso. Talvez até fosse sincero.

O caso é que trinta anos de abstenção fazem esquecer muitas coisas, e o sr. cura tinha que intervir a cada passo para ajudar o penitente a evocar os inumeros pecados que lhe sobrecarregavam a consciencia.

— Ora vamos, meu filho, veja se se lembra: alêm das faltas reais, das más acções e das omissões lamentaveis, não terá pecado por inveja, por desejo? Nunca cubiçou o alheio?

Pelo espirito reconcentrado de Malochet passou um relampago:

— Sim, sim, é verdade .. Quiz um dia furtar um cabrito á nossa vizinha, a tia Naudet... Era na primavera, na vespera da Ascensão, acho eu. Nós esperavamos para a festa meu cunhado e sua mulher, casadinhos de fresco. Então, como o dinheiro não era lá muito abundante em casa, lembrei-me dessa partida, só para poder oferecer um bom prato de carne sem nos custar um vintem...

— Foi só tentação, não é verdade?

— Infelizmente fui mais longe... Logo que vi a velha sair cedo para a missa das Rogações, fui-me chegando muito de mansinho ao seu pequeno curral .. Mas, como era avarenta e desconfiada, a desavergonhada pusera um cadeado na porta — só para duas horas de ausencia, imagine v. rev.!

Na parede traseira ha um postigo para dar algum ar e luz ao curral: passo-me para lá, espreito para dentro, introduzo o braço... Como sabe, os cabritos, quando não dormem, não estão quietos; aqueles não dormiam, ou tinham acordado com o barulho feito par mim... O caso é que se divertiam lindamente. Havia tres, que se aproximavam do postigo, ora um, ora outro, estendiam o focinho para a minha mão, cheiravam-na e escapavam aos pulos. Eu bem me encostava á parede, bem estendia o braço, mas qual! não havia meio de lhes chegar... E tive que voltar para casa de mãos a abanar... De modo que, para receber o irmão, viu-se minha mulher obrigada a matar uma das nossas galinhas, que punha que era um regalo, palavra de honra... Teve uma pena, coitada!...

— Meu filho, disse severamente o confessor, a intenção vale o mesmo que o facto. O pecado é tão grande como se tivesse sido cometido o furto. Ora não ignora decerto que, para obter a absolvição duma falta desse genero, tem que reparar o prejuizo causado. Que valor tem um cabrito?

— Ao certo, não sei... Tres a cinco francos, parece.

— Bom. A tia Naudet já morreu: você não pode indemniza-la directamente. Do que ela precisa agora é de rezas; por isso dê-me cinco francos e eu direi duas missas por alma dela.

O penitente, docil, tirou do bolso devagar a sua bolsa, pegou numa bela moeda branca que ergueu á altura da grade do confessionario e introduziu-a entre duas barras, sem a empurrar muito)

— Empurre-a um pouco mais! disse o padre, procurando em vão agarra-la.

Mas o diabo, com certeza, retomara posse da alma de Malochet, que dizia zombeteiro:

— Ah! isso não! Olhe-a o tempo que quizer, afague-a, mas nada mais. Não foi o que eu fiz ao cabrito da velha?

E como o confessor se retirasse escandalizado e logrado, o endiabrado tornou a guardar o dinheiro e foi-se embora sem a absolvição...

Emilio Guillaumin.

VIDA OPERARIA

EM SANTOS

Apesar das perseguições de que têm sido victimas, os operarios de Santos, que activamente sempre procuraram defender, com ardor e entusiasmo, as suas justas reivindicações e a sua dignidade de homens, continuam na sua obra de organização, que é a unica arma que os trabalhadores possuem para a defesa e melhora das suas condições economicas e morais.

No dia 11 do corrente, na séde da Federação, o nosso companheiro José Romero realizou uma conferencia sobre o tema: «O proletariado e a sua emancipação».

Depois de demonstrar qual a causa das diferenças de classes na sociedade atravez os tempos e o nascimento do proletariado moderno, fez ver que os trabalhadores só podem confiar no seu esforço e iniciativa, procurando preparar-se para conseguir a sua completa emancipação economico-social

Seguiu com a palavra E. Feijó, que fez um caloroso apelo á numerosa assistencia para que prestasse todo o seu apoio ás familias dos operarios expulsos.

A conferencia foi grandemente concorrida, esperando-se que o espectaculo em favor das familias dos expulsos seja devidamente auxiliado.

A séde da Federação foi transferida para a rua Amador Bueno n. 25, onde tambem estão instalados todos os sindicatos.

Esta operaria — No dia 27 do corrente realizar-se-á um espectaculo no Coliseu Santista em beneficio das familias dos operarios expulsos, organizado pela Federação Operaria Local.

Será levado á scena o drama em 3 actos «A Voz do Povo» e uma comedia. Tambem haverá conferencia de propaganda social.

Atendendo-se ao fim a que se distina esta festa, é de esperar-se que os trabalhadores santistas a ela acorram numerosos.

NO RIO

Confederação Operaria Brasileira — Proseguem com grande actividade os trabalhos que esta valiosa agremiação está fazendo para conseguir unir fortemente todas as associações de trabalhadores existentes pelos Estados.

Já são numerosas as adesões que lhe têm sido enviadas, esperando-se para muito breve a arregimentação da maior parte delas.

Estão tambem sendo activados os preparativos para o 2.º Congresso Operario, que por todo este ano será por ela realizado.

No dia 1º do corrente apareceu o n. 24, terceiro da presente fase, do seu orgam — *A Voz do Trabalhador*.

Como os dois primeiros, vem cheio de boa propaganda.

Toda a correspondencia para a C. O. B. e para o seu periodico deve ser endereçada para a caixa postal, 1427, Rio.

EM BELO HORIZONTE

Em Belo Horizonte, onde o trabalho de organização da classe operaria, ainda em começo, vem sofrendo a influencia nada proveitosa de elementos que dela pretendem fazer instrumento de politiquice, está felizmente se manifestando a actividade dos companheiros partidarios da organização baseada na acção directa.

Com o fim de arredar os trabalhadores da capital-mineira das agrupações com tendencias politicas e incita-los ao trabalho são e fecundo da organização sindicalista, estava anunciada uma reunião para domingo passado.

Transmitiremos aos leitores as informações que a proposito nos prometeu fornecer um companheiro daquela capital.

No proximo numero:

Devido á grande abundancia de materia, somos forçados a deixar para a proxima semana diversos artigos, noticias e correspondencias.

Deixa por isso de ser publicada:

Contra a lei do arrocho — Diversas notas sobre a agitação contra a infame lei de expulsão;

O fanatismo religioso em Minas e Goiaz — Interessante correspondencia de um nosso amigo de Uberaba;

Vida Operaria — Noticia de Sorocaba sobre o processo movido contra o companheiro Jubert e uma correspondencia de Belo Horizonte sobre o movimento operario de Minas.

PEDRO KROPOTKINE

O grande sabio e propagandista libertario escreveu aos camaradas de Portugal uma carta que, por conter valiosas considerações sobre a obra de emancipação social do povo, transmitimos aos nossos leitores. Ei-la:

Caros camaradas.

Permiti-me que recorra ás colunas do vosso jornal para agradecer do intimo do meu coração a todas as organizações sindicais operarias, assim como aos camaradas e amigos insulados, que me enviaram, por carta ou telegrama, palavras cheias de amizade por ocasião do meu 70.º aniversario.

Se pude trazer a minha pequena contribuição á luta pela emancipação dos explorados, é a vós proprios, camaradas e amigos, que o devo. E' porque tenho procurado a inspiração para os meus trabalhos nas profundezas das massas populares. E, chegado a uma idade avançada, mais profundamente do que nunca estou convencido de que não existe nem sciencia, nem acção util, a não ser a sciencia que para as suas conclusões se baseia e a acção que para os seus actos se apoia nos elementos do pensamento, — os desejos, as previsões *das massas*. Trata-se apenas de os compreender e de trabalhar para os aplicar na vida. Sem isso, permaneceriam estereis qualquer trabalho sociologico e qualquer acção.

Ardentes desejos de êxito ao grande movimento que neste momento se opera em Portugal para emancipação do povo.

Do coração vosso

Pedro Kropotkine.

Brighton, 20 de dezembro de 1912.

⁂

Como aqui já tivemos ocasião de dizer, os companheiros de Portugal convidaram o velho revolucionario, que se encontra enfermo e precisando mudar de ares, a passar uma temporada em Lisboa, abrindo uma subscrição para custeio das despesas, que o amado lutador não pode fazer por não possuir senão o seu grande saber e o sincero amor que dispensa á causa do povo oprimido.

Tambem nós queremos daqui contribuir para essa merecida manifestação de simpatia a Pedro Kropotkine, abrindo uma lista de subscrição, para a qual pedimos o apoio de todos os companheiros:

A Lanterna............	20$000
Edgard Leuenroth......	10$000
José Romero............	10$000

⁂

Na Livraria Lealdade, á rua de S. Bento, 51, ha tambem uma lista aberta por outros amigos.

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

Portugal

ESTADO E IGREJA — O *Diario do Governo* de 23 de janeiro publicou a seguinte portaria:

«Atendendo a que a declaração pontificia de 12 de outubro ultimo, publicada no n. 19 da *Acta apostolicae sedis* é ofensiva da lei da Separação do Estado das igrejas, e atentatoria dos direitos do Estado: manda o governo da Republica Portuguesa que a dita declaração pontificia seja repelida *in limine*, sendo-lhe por isso negado o beneplacito do Estado, para que ninguem possa alegar ignorancia, e bem assim que se proiba a circulação do referido escrito, apreendendo-se onde fôr encontrado, nos termos do artigo 34.º do decreto de 28 de outubro de 1910. Paços do Governo da Republica, em 21 de janeiro de 1913. — O ministro da justiça, *Alvaro de Castro*.»

O governo do pai da lei de Separação defende a filha...

Australia

RESPONSAVEL — Tendo o pastor Bromilow declarado num sermão, em Sydney, que a seca cessara por causa das orações, um prejudicado pelas chuvas publicou no *Sydney Daily Telegraph* a seguinte carta:

«Senhor: soube que pretendeis ter provocado a chuva. Suponho que estais pronto a aceitar a responsabilidade por perdas e danos: anuncio-vos, pois, que vos processarei, pedindo 500 libras esterlinas de indemnização, se não tiver cessado a chuva dentro de 48 horas.»

Se os fazedores de chuva corressem esse perigo — eles que querem *receber*, não *dar* dinheiro — abandonariam sem duvida a sua industria...

Espanha

INTOLERANCIA — Os jornais europeus narram a seguinte proeza do clericalismo espanhol.

Um medico do clerical «Patronato da luta contra a tuberculose na Catalunha», ha pouco tempo, tratando dum jovem tuberculoso, achou que devia praticar, sem razão medica conhecida, a ablação da inscrição «Viva a anarquia», tatuada no braço do infeliz.

O boletim do patronato felicitou o clinico, declarando ter ele assim provado que se preocupava tanto com a salvação da alma como com a do corpo!

Lendo isto, um medico eminente, o dr. Queraltó, escreveu indignado que a ablação praticada era nociva ao doente, desumana e sem interesse scientifico. E sustentando uma polemica, acrescentou que os medicos do patronato que aprovavam tais processos mereciam a cadeia. Daí, dois processos por injurias, sendo o dr. Queraltó condenado a 2 anos e 4 meses de desterro para alêm de 25 km. em volta de Barcelona!

O caso causou enorme indignação, tendo-se realizado grande numero de comicios. Ao protesto aderiram muitos jornais, mesmo moderados, e mais de 300 sociedades politicas, scientificas e operarias. As manifestações teem tido igualmente eco no estrangeiro.

Estados Unidos

GREVES — Em meados de janeiro, havia em Nova York importantes greves, sobretudo de costureiras, alfaiates e moços de restaurante. Calculava-se em 175 mil o numero dos grevistas, entre os quais 40.000 mulheres e raparigas na sua maior parte italianas e judias russas. Dessas raparigas, 20.000 teem menos de quinze anos. A militante mais em destaque neste movimento é Josefina Casey, já condenada a prisão por motivo da greve de Kalamajos. A falta de condições de segurança em que trabalham as jovens costureiras dá-lhes a solidariedade do povo. Toda a gente se recorda que, ha dois anos, no decorrer de um terrivel incendio numa vasta oficina de costura, 147 raparigas foram queimadas vivas. As reivindicações dos grevistas compreendiam a semana de 49 horas, minimo de salario, reconhecimento do sindicato profissional, melhores condições higienicas, garantias contra o fogo, repouso durante a tarde de sabado, supressão de multas e de trabalho ás menores de 14 anos. Os militantes operarios denunciaram á policia alguns traficantes de carne humana que estavam aproveitando as circunstancias para exercer o seu abominavel comercio.

As mulheres eram quem mais energia e persistencia mostravam. No dia 19 de janeiro, deram elas que fazer á policia, resistindo ás selvajarias desta com as suas sombrinhas e os seus alfinetes de chapéu! Houve um momento em que a policia se viu vencida, chegando a formar quadrado! Os pobres não teem outro meio de alcançar justiça.

CONGRESSO LIVRE-PENSADOR — O Cangresso do Livre-Pensamento do Indiana aprovou entre outras as reivindicações seguintes:

a) Supressão dos capelães nas instituições pias;

b) Laicização do ensino e dos hospitais;

c) Supressão do juramento religioso nos tribunais, bastando a sanção penal em caso de falsidade;

d) Abolição das leis impondo a «moral cristã»; conformidade das leis com a moral natural; igualdade de direitos e liberdade imparcial;

e) Os mesmos direitos e deveres para *todas* os religiões;

f) Que o sistema politico seja fundado e administrado sobre uma base puramente leiga.

Notemos que estas reivindicações são bem palidas e modestas e que é significativo, para o valor da «democracia norte-americana», o terem ainda de ser ali formuladas!...

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

RUA MARECHAL FLORIANO N. 118

Em assembleia geral realizada no dia 6 do corrente, foi eleita a nova directoria para o ano de 1913, que ficou assim constituida:

Comissão administrativa:

Carlos de Lacerda, 1.º secretario; Amilcar Boni, 2.º secretario; Maximiano de Macedo, contador; Adolfo Busse, Estevam Boni, José Caiazo e Manuel Gama.

Comissão de propaganda:

Higino Alves, Manuel Esteves, José Lomar, Antonio Abranches da Rocha, José Cevolares.

Bibliotecario, José Francisco Correia.

Foi aprovado enviar-se uma moção de solidariedade aos revolucionarios mexicanos, por intermedio do seu orgão *Regeneracion*, pela inexcedivel bravura como vêm defendendo a causa dos oprimidos naquele paiz.

—

No dia 17 do corrente, ás 8 horas da noite, na séde social, será comemorada a data do suplicio de Giordano Bruno pela intolerancia catolica.

São convidadas desde já as associações que nela queiram tomar parte.

A DIRECTORIA.

Uma senhora devota procurava arrancar a um banqueiro uma boa esmola «para as obras da matriz».

— E' um emprestimo a Deus: não lhe parece que Deus é um bom devedor?

— Não digo menos disso; em todo caso, para obedecer ás normas, que arranje outra firma: a de um banqueiro ou a de uma boa casa comercial desta praça...

OS DRAMAS DO CELIBATO CLERICAL

Tragedia de misticismo e de amor

UM PADRE E UMA POETIZA

E' no excelente cotidiano operario de Paris, *La Bataille Syndicaliste*, de 22 de janeiro, que colhemos a interessantissima narração seguinte:

"Ha alguns dias, anunciavamos o fim tragico e misterioso do padre Chassaing, encontrado morto na sala de visitas de uma das suas penitentes, madame Alice Crespy, moradora em Agen, á rua Fonnouvelle, 20. A fonte esquerda do padre fóra esburacada pela bala dum revólver. Suicidio ou crime? Não se sabe ainda.

Madame Crespy afirma ter-se o padre Chassaing suicidado por amor a ela. Eis a sua versão.

Este vigario, dotado de alma ardente, resolvera encher o coração só com o amor de Deus; mas ninguem se nutre de quimeras por muito tempo. Em abril de 1909, travou conhecimento com uma mulher mais apta para lhe satisfazer os desejos do que as missas e orações. Estranha, com olhos imensos, madame Alice Crespy compusera já numerosos poemas, que tinham passado despercebidos na sonolenta cidadezinha de Agen.

Madame Crespy possui uma natureza vulcanica bastante propria para excitar um padre torturado pelo celibato. Em suas obras vibrantes, mostra-se ela como uma mistica sensual, sequiosa de amor. Amou o padre Chassaing com paixão e escreveu para ele o seu verdadeiro *Credo*:

Creio no teu amor, meu breviario supremo,
Creio em tua beleza que me enlouquece e que [eu amo...
Creio em tua confissão, creio na tua doçura,
Creio nas palpitações do teu coração sobre o [meu.

(Isto até parece do *Breviario* do nosso amigo Raymundo Reis...)

Ao seu amante chamava ela o seu "grande lirio branco" e o seu "grande selvagem", achando nele ao mesmo tempo a satisfação dos seus ardores misticos e amorosos. Coligiu versos seus, sob o titulo de *Os dois perfumes*, contando a paixão de ambos. E' um hino á gloria do amor mistico e sensual.

Mas a sua ligação transpirou. As más linguas arquitectaram um escandalo e o bispo, impressionado pelo funesto desvario do seu subordinado, deu ao galante vigario ordem de ir administrar a paroquia de Montastruc.

Na sexta-feira passada, o padre Chassaing, prestes a deixar Agen, foi visitar a sua amiga. Sob pretexto de comprar outro igual, pediu a esta que lhe mostrasse o revólver dela e, depois de o examinar, colocou o junto de si. Alguns instantes depois, tendo-se Madame Crespy ausentado da sala, ressoou uma detonação. Acudindo, achou ela o seu amante no chão, com o rosto ensanguentado.

Eis o que refere a poetiza de Agen; mas ninguem acredita nela. Os eclesiasticos, escandalizados por ter uma mulher a audacia de confessar que um padre foi seu amante, clamam que houve assassinato. Alguns espiritos pacificos da boa cidade celebre por suas ameixas sêcas, chocados pelas maneiras livres e exaltadas de Madame Crespy, são-lhe pouco favoraveis. Este drama de amor convulsiona-os e, no seu horror a tudo o que excede a mediocridade e a tradição, são implacaveis para a jovem divorciada. Esta, com seus tragicos amores, perturbou-lhes as pacificas digestões, e isso é coisa que eles não perdoam. Os devotos indignam-se, os bons burgueses velam a face e todos á porfia dão á lingua.

Por outro lado, o irmão do padre Chassaing declara possuir provas certas que estabelecem ter seu irmão sido vitima duma agressão. Demais, o medico legista que autopsiou o cadaver declara que a bala assassina foi disparada de bastante longe.

Como quer que seja, resulta destes factos que os padres são como os outros homens e que é grutesco exigir uma religião dos seus pastores um voto de castidade que a vida os obriga fatalmente a violar á primeira ocasião propícia.

Como é estupida e odiosa essa religião que condena o amor!"

Madamo Alice Crespy foi presa no dia 21 de janeiro.

Os herois do drama

Madame Crespy pertencia á melhor sociedade de Agen e vivia com

sua mãe e sua irmã. Casada, mais tarde divorciou-se. Escritora de talento, madame Crespy publicou muitos volumes. O vigario tinha trinta e tres anos. Vigoroso e de porte elegante julga-se que nenhum motivo tinha para o suicidio. As suas relações com madame Crespy datavam de muitos anos, sendo ha pouco denunciadas ao bispo que, após um inquerito, o transferiu de Agen (Lot-et-Garonne), onde ocupava o vicariato de Santo Hilario.

Opinião dum jornalista

A proposito dessa tragica ocurrencia publica Roger Bontemps, no *Radical*, de Paris, sob a epigrafe *Emancipação*, as seguintes considerações:

Os nossos leitores conhecem o sombrio drama de que um salão de Agen acaba de ser teatro. O padre Chassaing, cura da freguesia de Santo Hilario, matou-se, voluntaria ou acidentalmente, em casa de uma penitente dele enamorada, a sr.ª Alice Crespy. Noutro logar publicamos uma carta dirigida por esta senhora a um nosso colega da «Dépêche», de Toulouse, carta perturbadora, extraordinaria e inverosimil, e contudo verdadeira. Essa pagina de amor e literatura — e que amor e que literatura! — seria uma completa revelação quanto á influencia do padre na mulher, se exemplos ilustres nos não tivessem já de ha muito iniciado nos misterios dessa influencia. Neste ponto pouco mais temos que aprender. Mas as aventuras profanas em que se encontram envolvidos padres e frades são de frequencia cada vez maior. Na Italia, quatrocentos padres ameaçam o seu bispo de se pôrem em greve, como bons sindicalistas. Um frade capuchinho casa-se em Londres e depois abandona a mulher em qualquer parte, o que a leva a publicar num jornal alemão as cartas do infiel. E agora aparece-nos a morte misteriosa do abade Chassaing. Esta morte diz muito sobre o estado de espirito de mais de um dos padres modernos. Como em tantos romances a que a gente eclesiastica forneceu a materia prima, presente-se um desejo imenso, uma necessidade irresistivel de emancipação. A sotaina do padre transforma-se numa como que tunica de Nessus. Queima os que a vestem, e que depois fazem esforços insensatos para dela se libertarem. Ora é o amor da mulher que os incita á libertação, ora o amor da sciencia. E nada ha mais comovente do que essa luta, as mais das vezes surda, contra o poder de Roma. O abade Chassaing é uma nova vítima desse poder. Matou-o o celibato do padre. E' certo que, sem isso, talvez ele não tivesse conhecido os arrebatamentos de uma paixão em que a literatura, o misticismo e a voluptuosidade se formam num amálgama capaz de despertar as sombras emocionadas de um Saint Beuve ou de um Stendhal.

A "carta perturbadora"

Eis a carta a que se refere Roger Bontemps:

Talvez já saiba, pelos rumores publicos, da desgraça medonha que acaba de ferir-me. O padre Germain Chassaing, cura de Santo Hilario, matou-se em minha casa, ontem de tarde, ás 6 horas e meia. Desde 19 de setembro de 1909 que ele era meu amante. Ah! sr. redactor, por favor! Se tem (o que ignoro) o dever de relatar esta tragedia, não o acuse! Era uma bela alma, altiva e digna. Era sensivel, afectivo, amante. Suportou um sofrimento sobre-humano: de uma parte, o dever aspero e rude, o sacrificio cotidiano, o tormento; de outra, o seu amor por mim, que aumentava! Bem vê o dualismo contido naquela alma! Amavamo-nos muito, um ao outro; mas veio uma ordem do bispo, mandando-o para os planaltos de Monclar, para Montastruc. Profunda estupefacção. E disse-me:

— Eu enlouqueço!

E a loucura, que pairava na sombra, apoderou-se dele. E bastou uma pequena bala de revólver para aniquilar para sempre o belo rapaz de batina preta, de duplo aroma simultaneamente mistico e voluptuoso, e dele só me resta o livro do nosso amor! Este livro, o «Duplo Perfume», em três parte, cento e quinze poemas, é toda a nossa historia desde o primeiro dia em que a sua palavra empolgante me arrebatou, na sombra do confessionario, até 29 de dezembro de 1912. Oh! senhor, ele recebeu de mim muitas cartas ardentes, muitos poemas a que se transmitia a febre das minhas noites. Eu deveria ter-lhe resistido quando ele me pedia que lhe escrevesse, que lhe escrevesse sempre! Não tive essa coragem. Amava-o tanto! Ao menos defenda-o, senhor. Dê-me por pasto a toda a cidade. Esta manhã levaram-no de minha casa, o meu Germain. Publique mesmo esta carta, se o julgar util á defesa dele. Tudo quanto em mim resta ainda de pensamento e de vida, só a ele pertence. Aceite, pelo que vai fazer, o testemunho do meu reconhecimento. — *Alice Crespy.*

Depoimento de Madame Crespy

Eis agora como, interrogada sobre os ultimos momentos do padre, a apaixonada Alice os refere:

Tinhamos combinado a nossa entrevista de despedida para o proprio dia em que ele morreu. Ele disse-me:

— Acabou-se. Vou partir. Torna a ler-me os poemas de que eu mais gosto.

Obedeci-lhe, e li-lhe o «2 de maio de 1910» e o «Lobishomem ardente», duas poesias celebrando datas nunca esquecidas. Depois ele tomou-me a cabeça entre as mãos, murmurando:

— Meu amorzinho, meu amorzinho!

Pediu-me livros e eu subi a buscar-lhe a «Sagesse et la destinée», de Maurice Maeterlinck, e o «Racine», de Jules Lemaître. Quando descia a escada, ouvi um ruido sêco, encontrei-o com o rosto voltado para mim, morto. Devia estar de pé quando desfechou. Apenas um gemido, e mais nada. Como louca, quiz gritar por socorro, mas tive o pudor do escandalo: um padre em minha casa! Corri a casa do dr. Forastier, que fez as primeiras observações...

Justo comentario

E o *Radical* prossegue, depois destes pormenores:

O que se pode afirmar desde já é que o padre Chassaing, que era muito estimado pelas suas ovelhas e... principalmente pelas suas penitentes, tinha recebido sem mau humor a noticia da sua desgraça. Alguns dias antes começara as suas visitas de despedida, sem que nada deixasse adivinhar nele este tragico fim, que os clericais classificam de escandalo, mas que o povo considera um incidente passional completamente humano. Os padres são homens como os outros. A bênção de Deus não lhes dá a virtude sobrenatural com que a igreja quiz aureolar o seu sacerdocio. E' um crime impôr-lhes o celibato, e é uma loucura querer fazer acreditar na sinceridade de um voto que arrebataria, á carne como ao coração desses pretensos «mais que homens», o grito da natureza...

FESTA DE PROPAGANDA

No Rio

Grupo Dramatico Anticlerical — Para estreia deste nosso prestante grupo de propaganda, realizar-se-á no salão do Centro Galego, sito á rua da Constituição, 38, ás 8 horas e meia da noite de sabado, 20 do corrente, uma festa, representando-se o emocionante drama de Henrique Peixoto — *Os ladrões da honra.*

Haverá tambem baile familiar e leilão de prendas.

Os cartões distribuem-se na séde da Liga Anticlerical, rua Marechal Floriano Peixoto.

Bilhetes e recados

Santos — A. L. de O: Seguiram *Regeneración* e os folhetos. Poderia ter dito isso a mais tempo que já a estaria recebendo. Fazendo o que pode já faz bastante. Urge mesmo intensificar a propaganda. Saude!

Rio — Cecilio: Dirás ao H. que o C. aqui não aparece e não temos o seu endereço. Saude!

Uberaba — O espectro de Torquato de Alcalá: Esperamos que continue. Deve haver por essas bandas fradescas muita coisa que escalpelar. Saudações.

Manáus — T. Miranda: Bravo! Muito nos alegra a noticia que nos dá. E' de grande proveito para a nossa propaganda aí pelo Norte. Mandar-te-emos endereços de companheiros dessas bandas com os quais poderás pôr-te em relações. Seguiram jornais. Saude!

Ribeirão Preto — T. G.: Fizemos a transferencia. Saudações.

Hammond — L. F. B. Registámos o novo assinante de Guariba. Agradecidos. Saudações.

Rio Claro — B. J. Ferreira: Riscámos o endereço indicado. Responderemos ás suas cartas. Saudações.

Patrocinio do Muriahé — A. N. G.: Recebemos os 10$ de sua assinatura. Saudações.

Jaboticabal — A. R.: Agradecidos pelo jornal e informações enviadas. Havemos de coçar a pêlo aos tais... Saudações.

Florianopolis — C. E. de M.: Recebemos os ns. do *Clarão*. Cobram aqui 2$ pelo cliché. Saudações.

Rio — J. L.: Recebemos os 5$ dos pacotes, que continuarão a ser remetidos directamente. Saudações.

Poços de Caldas — A. V.: Se cada companheiro de propaganda procurar fazer outrotanto, dentro de breve tempo te-la-emos diaria. Saude!

Santos — A. L. de O.: A cobrança será feita quando tivermos o capital necessario subscrito. Saude!

Casa Branca — S. N.: A consulta nada lhe custa. Em que ficou a questão? Saudações.

Pirassununga — J. F. C.: Fizemos a transferencia. Será procurado quando ele aí fôr. Salud!

Ribeirão Preto — J. S.: Foi feita a transferencia do assinante indicado. Cá te esperamos. Saude!

Riacho dos Machados — E. J. S. P.: Verificaremos o que ha sobre o pagamento da assinatura. A remessa é feita com pontualidade. Saudações.

Itinga — J. B.: Publicaremos o artigo mencionado. Ainda não o fizemos por abundancia de materia. Saudações.

Jahú — P. A. P.: Remetemos-lhe o n. extraviado. Saudações.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

EM PORTUGUÊS

Saturnino Barbosa, *Ensaio de Critica Racionalista* .... 1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*.... 1$500
Raymundo Reis, *Breviario*, (Versos liricos)................ 3$000
Luiz Bulfi, *Greve de Ventres*... $200
A. D. White, *Historia da Luta entre a Sciencia e a Teologia*.. 3$000
Reflexões (verdades para o povo) $300
Almanaque d'«O Livre Pensador»................ $800
Guilherme Dias, *O que é o Celibato*................ $200
R. S. Morin, *O espirito da Igreja* $200
Pedro de Melo, *Sonho Dantesco* $200
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno*................ $200
Natanael Pereira, *A Educação religiosa*................ $200
José Prat, *A burguezia e o Proletariado*................ $300
José Benedy, *Pedras Toscas* (versos livres)................ $200
Enrico Malatesta, *A Anarquia* $400
Chave do Esperanto........ $100
Brito Bettencourt, *Catecismo Ateu*................ $200
José Rizal, *Noli me tangere*... $800
A. de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho* $200
H. Malatesta, *Programa socialista-anarquista-revolucionario* $100
Prof Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* . . . . . 1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) 1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . 2$000
Octaviano Reinelt, *Um como não ha muitos*, (comedia de costumes nacionais em 2 actos) 1$000
Carlos Dias, *Semeando para Colhêr* $200
Paulo Bertheloth, *Evangelho da Hora* $200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno* . . . . . . 2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)* . . . . 2$000
Fernando Pelloutier, *A União dos Sindicatos e a Anarquia* . $200
F. Challaye, *O Sindicalismo*. . $600
Pedro Krapótkine, *Os Bastidores das guerras*. $100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anarquico* $200
F. Domela Nienwenhuis, *A mulher e o militarismo* $100

EM ITALIANO

Enrico Ferri, *Dal Microbio All'uomo* $200
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* . . . . 1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana* . . $200

EM FRANCÊS

Jean Grave, *Léntente pour l'action* $200
Jean Grave, *Si j'avais à parler aux Electeurs* $100
Elisée Reclus, *Evolution e Révolution* $200
Urbain Gohier, *Aux Femmes* . $100
M. Nettlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvriére* $200
Louis Blanc, *Quelques Vérités Economique* $100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére* $100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat* $100
» » *L'Esprit de Révolte* . $200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage* $200
Direrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale* . . $100

EM ESPANHOL

Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia* $100
C. S. Darrow *Crimen y Criminales* $100
André Girard *Educación y Autoridad Paternal* $100
Por «El Motin» *Almanaque del Carlismo para los años 1913 a 1999*.............. 1$000
E. Malatesta, *Entre Campesinos* $500
» *La Anarquia*.... $500
Pablo Lafargue, *El derecho á la pereza*................ $700
Federico Nietzsche, *Opiniones*. $700
Juan Grave, *Educación burgueza y Educación Libertaria*.... $500
Juan Grave, *La Sociedad del Porvenir*................ $700
Federico Engels, *Socialismo utópico y Socialismo científico*... $500
Juan Jaurés y P. Lafargue, *El Concepto de la historia*... $700
Juan Jaurés, *La Paz y el Socialismo*................ $700
Julio Guesde, *La ley de los Salarios*................ $500
Emilio Littré *El árbor del bien y del mal, la idea de justizia* $700
Max Nordau, *Crítica Contemporanea*................ $500
Augusto Bebel, *Socialización de la Sociedad*................ $700
P. G. Proudhon, *Psicologia de la Revolución*................ $700
Ernesto Renan, *El Liberalismo Clerical*................ $500
Alderto Richard, *Manual del Socialista*................ $700
A. Hamon, *La Revolución á travéz de los Siglos*........ $700
Emilio Vandervelde, *El Socialismo Agrícola*................ $500
Samuel Smiles, *La disciplina de la experiencia*.......... $500
Pedro Gori, *La Anarquia ante los tribunales*................ $500
Camilo Flammarion, *Um viage por los Cielos*................ $700
Herbert Spencer, *Demasiadas leyes*................ $700
Mauricio Maeterlink, *La Justicia*................ $700
León Tolstoy, *Lo que yo pienso de la guerra*................ $700
León Tolstoy, *Nuevas Orientaciones*................ $700
Emilio Zola, *Estudios Criticos*. $700
Pedro Kropótkine, *El Estado*. $700
» » , *Los tiempos nuevos*................ $700
Pedro Kropótkine, *Un Siglo de espera*................ $500

Em todos os preços acima está incluido o porte de correio

Obras da Escola Moderna de Barcelona

Todas estas acima são encadernadas.

Pelo correio mais 300 réis por volume.

Cartilla, primer libro de lectura................ 1$000
Las Aventuras de Nono. Segundo libro de lectura, por Jean Grave, 1 volume.......... 1$800
El Niño y el Adolescente. Desarrolo normal — Vida libre. Segundo libro por Miguel Petit, 1 volume................ 1$800
Preludios de la lucha. Segundo libro por F. Pí y Arsuaga 1 volume................ 1$800
Sembrando Flores Segundo libro por Federico Urales, 1 volume 1$800
Correspondencia Escolar (primer manuscrito) por Carlos Malato 1$800
Psicología E'tnica importantissimo estudio cientifico-sociológico de la humanidad, 4 vol. 7$200
Tierra libre. Fantazia comunista) por Jean Grave, 1 volume 1$800
Origen del Cristianismo. Quarto libro de lectura, 1 volume... 1$800

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo)
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
Dios, por Suñer y Capdevila.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que se comen los curas, por Frey Gerendio.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.

FOLHETIM DA LANTERNA (33)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

IX

OS DOIS INIMIGOS

Eu nada tenho que vos dizer nem que ouvir. Retirai-vos!

— Fechei a porta á chave, e lá vai a chave respondeu Salverio atirando a chave pela janela.

Deu dois passos. De Belleval, muito palido, tratava de se aproximar duma panoplia, com a ideia de tirar uma pistola.

— Querieis, disse ele com ironia, falar a um cristão, contamina-lo com o vosso contacto, mas... enganastes-vos, porque vou matar-vos...

E deu um pulo para a panoplia. Mas, mais rapido, Salverio deteve-o, agarrando-o por um pulso e arrancando-lhe um grito de dor. Salverio colocou-se entre a panoplia e o conde, dizendo:

— Laborais em erro, imaginando que nada tendes que me dizer nem ouvir. Um dia, vosso pai fez-me a mesma observação; mas instantes depois teve de confessar que as minhas palavras não eram despidas de interesse.

— Meu pai! Porque falais dele?

— Porque é preciso. Porque sois digno filho daquele monstro...

— Cuidado! Não insulteis os mortos!

— Não o insulto; digo o que era: um monstro. Disse-o a ele proprio quando o fui visitar em sua casa de Rennes.

— Rennes! Vi tes meu pai em Rennes? Quando? Falai!

— Começo, pois, a interessar-vos? Vi vosso pai três dias depois de ele ter feito assassinar o meu...

— Vosso pai, hereje como vós, foi executado e não assassinado.

— Estais enganado. Vejamos. Uma noite, vosso pai veio ter com o meu, dizendo-lhe: "Dou-vos um dia para que me digais onde está o vosso tesouro de familia. Se dentro dum dia nada disserdes, denuncio-vos e entrego-vos ao verdugo." No dia seguinte, meu pai foi preso; e depois julgado e condenado pelo vosso, que o mandou atar a um poste sobre uma fogueira. Ainda então vosso pai, juiz integro, pediu ao meu a revelação esperada. Meu pai teria dado o dinheiro, se este não estivesse consagrado a uma obra, de que não vos falo, porque não a compreenderieis; recusou, portanto, e foi queimado. Três dias depois, de noite, apresentei-me em casa de vosso pai, que não me esperava, como vós não me esperaveis ha pouco...

— Oh! disse de Belleval, adivinho: fostes vós quem matou meu pai!

— Sim, fui eu.

— Assassino!

— Não: justiceiro é o que eu fui.

— Decerto vindes assassinar-me tambem...

— Vim pedir-vos contas dos vossos crimes.

— Que vos fiz eu? Não vos basta a vingança já exercida?

— Eu não disse que vinha pedir-vos contas dos crimes de vosso pai, mas sim dos vossos.

— Eu nada vos fiz. Inspirais-me aversão, porque sou bom catolico. Considerais crime este sentimento?

— São me indiferentes os vossos sentimentos; importam-me só os vossos crimes. Haveis feito o que fez vosso pai. O pai denunciou o pai; o filho denunciou o filho: está na ordem. Sois duma familia de delatores.

— Enganais-vos! exclamou o conde, livido.

— Vosso pai só cubiçava o dinheiro: vós entregastes-me porque cubiçaveis o dinheiro e a felicidade de um homem... Destruistes essa felicidade... Violentastes a mulher que me dera o seu amor...

— E' falso! balbuciou o miseravel.

— Sabeis o que ela fez? Matou-se. Fostes o meu delator e o assassino de minha mulher. Que respondeis a isto?

Salverio fixava de Belleval, cujos olhos se baixaram. Após uma pausa terrivel, Salverio prosseguiu:

— Quando cheguei a Abbeville, encontrei-vos praticando outro crime: raptando uma pobre donzela...

— Ah! quanto a isso, pelo menos, não sou culpado. Executei ordens...

— De quem?

— Do arcipreste Gerfaut.

Salverio crispou os punhos e perguntou:

— Que foi feito dessa jovem?

— Levaram-na para Paris...

— Paris é vasto..

— Pois bem: vou provar-vos que me arrependo do mal que vos fiz, dizendo-vos onde está Flor de Maio. Ide ter com o bedel de Santo Eustaquio, dizendo-lhe que chegais de Abbeville e pronunciando o nome de Gerfaut. Sereis logo levado junto de Flor de Maio.

— Será isso verdade?

— Juro-o pelos Evangelhos!

— Bem, disse lentamente Salverio; não posso perdoar-vos, mas consinto em considerar-vos como um homem, não como um cão. Vamos bater-nos. Aceitais?

— Aceito.

Salverio deu uma palmada e pouco depois ouviu-se a voz do Cavaleiro por trás da porta.

— Cavaleiro, disse Salverio, mudei de resolução.

— Nesse caso, entro.

A porta abriu-se e apareceu João.

— O Cavaleiro de La Barre! murmurou surdamente o conde.

— Apanhei a chave no jardim, explicou João, sem olhar sequer para de Belleval.

— Cavaleiro, disse Salverio, vou bater-me com este senhor.

— Dais-lhe demasiada honra.

— Sereis a nossa testemunha. Servi-vos tirar duas espadas dessa panoplia.

João obedeceu, em quanto Salverio prosseguia:

Se eu morrer, podeis retirar-vos...

— Não se retirará, sem cruzar o ferro comigo, atalhou João.

— Fareis o que entenderdes, Cavaleiro. Antes de mais nada, tomai nota: ireis a Paris, falareis com o bedel de Santo Eustaquio, direis que chegais de Abbeville, pronunciando o nome de Gerfaut, e sereis conduzido a Margarida... Não é assim, conde?

— E' assim, disse de Belleval.

Salverio acercou-se de João e disse-lhe algumas palavras ao ouvido. Em seguida, voltou-se para o conde e disse com firmeza e doçura:

— Em guarda!

E acrescentou, dirigindo-se a João:

— Colocai vos entre nós e a panoplia. Este senhor olha com avidez as pistolas carregadas.

La Barre despendurou uma delas e disse:

— Se ele fizer um movimento para este lado, mato-o. E é o que se devia ter feito.

— Não tenhais cuidado, senhores, disse o conde; basta-me uma espada.

Salverio dava as costas á janela entreaberta, quando começou o duelo. Em breve o conde, assombrado, visto que o adversario estivera catorze anos num calabouço, verificou estar em frente dum temivel esgrimista. Entretanto, defendendo-se habilmente, ia dando volta á sala e chegou um momento em que era ele que voltava costas á janela. De repente, com uma agilidade, galgou o peitoril e saltou para o jardim, donde veio logo depois uma gargalhada zombeteira

Salverio e João assomaram á janela e viram o vulto do conde sumir-se nas trevas, correndo.

— Urge fugir! disse Salverio, branco de colera. Dentro de dez minutos, estará esta casa cercada.

Num instante acharam se na rua, correndo para a hospedaria onde tinham deixado os cavalos, e menos de um quarto de hora depois galopavam para a porta de Amiens.

X

A PERSEGUIÇÃO

D'Etallondes, Parmentier e de Maillefeu entraram em Abbeville minutos depois de Salverio e João, isto é, quando iam ser fechadas as portas.

Primeiro foram deixar Parmentier em sua casa. Convinha que se mantivesse á parte, como um amigo dentro da praça, para vigiar os movimentos do inimigo. Depois, o visconde e o marquez dirigiram-se á hospedaria, onde se cruzaram com João e Salverio, que saíam.

Os dois amigos pediram os dados para jogar e uma garrafa de Bordéus; e d'Etallondes, que conhecia o hospedeiro e indicara a Salverio aquela estalagem como lugar seguro, perguntou:

— Que ha de novo na povoação?

— Nada, sr. visconde... a não ser que a justiça procura um dos vossos amigos...

— Um dos meus amigos?

— O senhor de La Barre...

— O Cavaleiro?! E que fez ele?

— O pobre moço está em maus lençóis. Os padres acusam-no de não ter cumprimentado o S. Sacramento no dia de Corpus-Cristi.

— Tendes pena dele?

— Certamente! Sabeis o meu modo de pensar: acho um excesso terem os padres maior poder que o proprio rei.

— E' perigoso dizer isso...

— Ora! disse o estalajadeiro, com uma piscadela. Sei a quem falo...

— A proposito: quem eram aqueles dois sujeitos que daqui saíam quando entramos?

— Não sei. Chegaram pouco depois do anoitecer e estiveram no gabinete falando em voz baixa. Nada beberam e deram-me um luís! Fregueses destes, quem me dera muitos! Não lhes vi sequer a ponta do nariz. Esperavam talvez a hora para ir a uma entrevista amorosa.

O hospedeiro retirou-se com uma risada, e após algum tempo de Maillefeu murmurou:

— Já é hora...

Pouco depois, pondo os cavalos a passo, caminhavam em direcção á porta de Amiens.

— Quem comanda o posto? perguntou o visconde.

— Um sargento.

— Quantos homens?

— Dez.

O posto de que falavam os dois cavaleiros estava alojado numa especie de casamata insulada, com uma porta de carvalho e uma janela gradeada. De Maillefeu apeou-se, entregando as redeas ao amigo, e entrou no posto, perguntando:

— Onde está o sargento?

(*Continúa*).